

Director: João Govern

170\$00 ■ ANO XIII ■ 684
Semanário ■ 18 de Julho de 1991

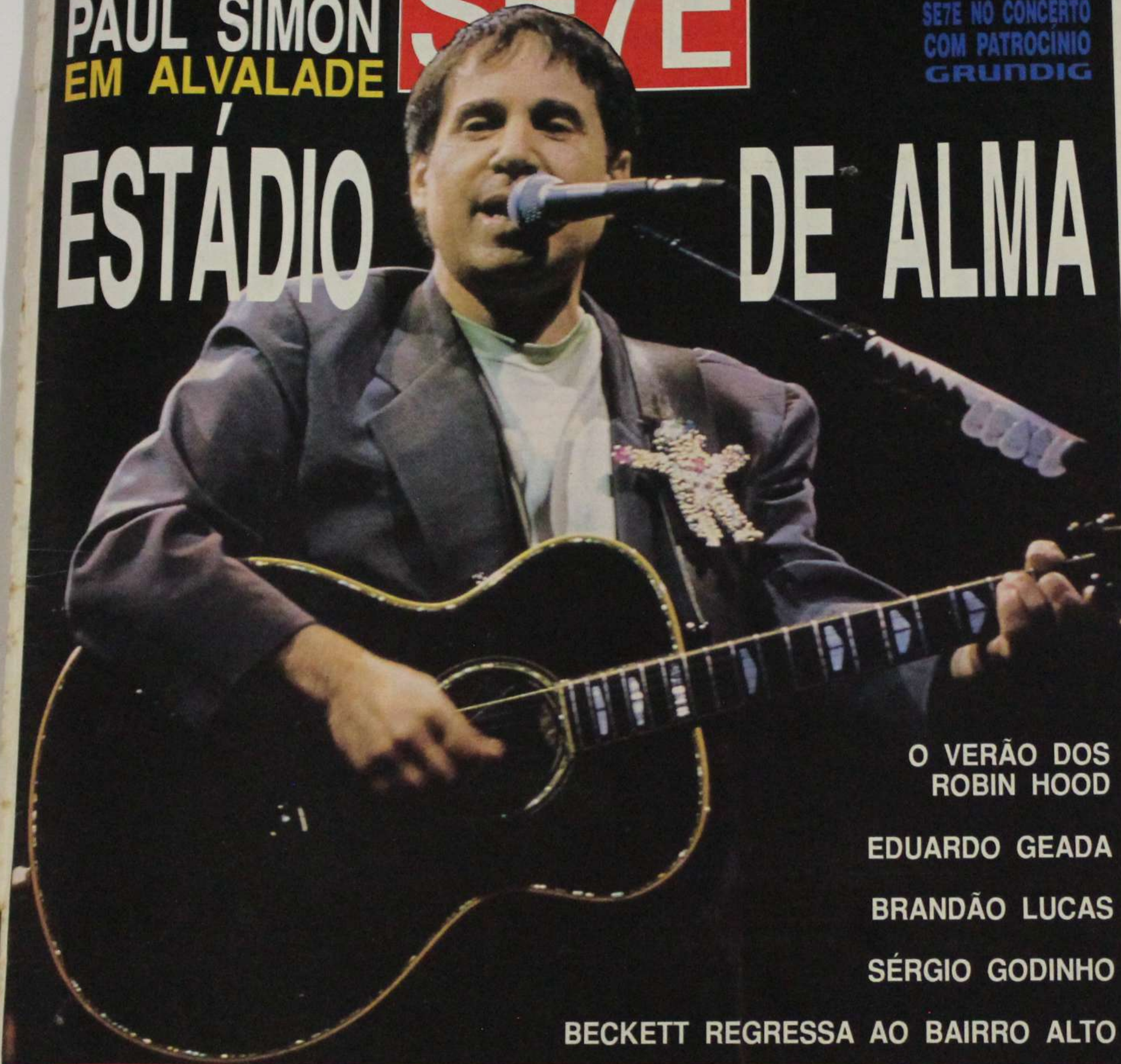
PAUL SIMON
EM ALVALADE

SETE

SETE NO CONCERTO
COM PATROCÍNIO
GRUNDIG

ESTÁDIO

DE ALMA



O VERÃO DOS
ROBIN HOOD

EDUARDO GEADA

BRANDÃO LUCAS

SÉRGIO GODINHO

BECKETT REGRESSA AO BAIRRO ALTO

osicom
computers

made in USA



OSICOM
para si
que exige alta
performance

TRIUBUS

a sua melhor opção em informática



Depois de «Yaaba» estreia «Tilai», de Idrissa Quedraogo, Grande Prémio do Júri do Festival de Cannes 1990. Palavras para quê. Imprescindível



des já não são assim. É a minha parte de ficção.» E acrescenta aquilo que, não sendo necessário (bastaria o filme), está patente em Tilai de forma exemplar: «O cinema é universal. Pessoalmente não sou a consciência de ninguém. Nem sobretudo a do meu país. Através do cinema quero criar uma magia pessoal, não necessariamente africana. Tenho os meus próprios desejos e frustrações e o cinema é simplesmente o meio que utilizo para os exteriorizar.»

É assim que os temas de «Yaaba» e agora de «Tilai» são também desconcertantemente universais. Por um lado, o do centro e da periferia, como especialização ideal do sentido dos códigos. A aldeia e os arredores, a clássica topografia da lei e da margem. No primeiro filme era nos arredores que vivia a velhinha banida pela comunidade, aqui é justamente onde Saga se instala e é sempre a partir do exterior (a aldeia da tia) que desafia a tradição e provoca o drama. Por outro lado, a revitalização de um quadro clássico: os personagens (trágicos) movidos por um destino que os quer mais enamorados da sua liberdade do que das regras sociais impostas pelo mundo.

Também por isto, autorizo-me a piedade da metáfora, ao confirmar o que senti da primeira vez em que vi o filme. África, também, só será livre quando for ela própria. Depois de adquirir aquele mínimo que já pertence ao mundo (as comodidades da técnica e o repouso económico) sem se tornar refém de nenhum recado.

Se o espaço chegasse valeria a pena sublinhar longamente a excelência da banda sonora, pela flauta hipnótica do senhor Dolar Brand/Abdulah Ibrahim, e a limpeza desusada da fotografia, realista e quase brutal, como a luz das origens. A coragem deste cinema, a ousadia de Ouedraogo está precisamente em trazer para um cinema pobre (em termos de condições de produção) toda a riqueza dos valores clássicos do cinema com dita letra grande. A crença radical na «mise-en-scène» ancorada num profundo amor pelas imagens. Aqui podemos constatar (eufóricos) que existe uma coisa chamada profundidade de campo! Aqui temos, em suma, uma rara oportunidade de lavar os olhos de tanto lixo imagético a atulhar-nos os corredores.

■ Teresa CARMO

TILAI

sol de áfrica

Este grande filme daquele grande continente começa por ser, antes do mais, a afirmação de um estilo pessoal e intransmissível. O de Idrissa Quedraogo, cineasta do Burkina Faso, que tem sabido jogar com a hipótese de uma diferença, apostando num espaço cada vez mais remoto que é o do «autor».

Dele tínhamos visto «Yaaba/Avozinha» (a sua primeira longa-metragem, depois de «Le Choix» em 86, não exibido em Portugal) que continha tudo aquilo que em «Tilai» aparece amadurecido. O mesmo «décor» do Sahel, os mesmos habitantes da aldeia da infância do realizador, Ouahigouya, a 175 Km de Ouagadougou, nos seus filmes idealizada e intemporal, três dos actores de «Yaaba» nos principais papéis. E o desenvolvimento de um tema comum: a transgressão.

«Ya Tilai» significa a lei. E é sempre esta a pedra-de-toque que alimenta uma história que se conta de uma penada. Saga regressa à aldeia natal após uma longa ausência — dois anos é muito, ali, onde o tempo é quase só ditado pelo espaço. Descobre que a noiva que lhe estava prometida casou com o seu pai. É agora a sua segunda mulher e cobiçá-la significa o incesto. Acontece que os dois ainda se amam e recusam conformar-se ao respeito do instituído. Os encontros clandestinos dos amantes são descobertos e o drama eclode, em sucessivos avanços na quebra da lei.

Deste quase-nada de enredo o que avulta é a ideia de que tudo se passa em primeiro lugar nas imagens e quase nada na linguagem. Nesta encantadora língua o som adquire tanta importância quanto a palavra (como nos estalidos sonoros que exprimem a desaprovação muito lapidadamente), os silêncios e os risos pueris são mais eloquentes que as réplicas dos personagens. Quedraogo desconfia do discurso e é essa a grande diferença que mantém relativamente ao lirismo de outro grande cineasta africano, Souleiman Cissé («A Luz»). Planos fixos, curtos e pequenos «travellings» regulares. A pouco e pouco vai-se adensando uma atmosfera de precipitação: quanto menos se passa mais esperamos que qualquer coisa possa, de repente, eclodir. É nesta simplicidade, de uma rigorosíssima depuração que, se resolve o estilo, a marca, o «touch» de Ouedraogo, se quisermos ocidentalizar as coisas.

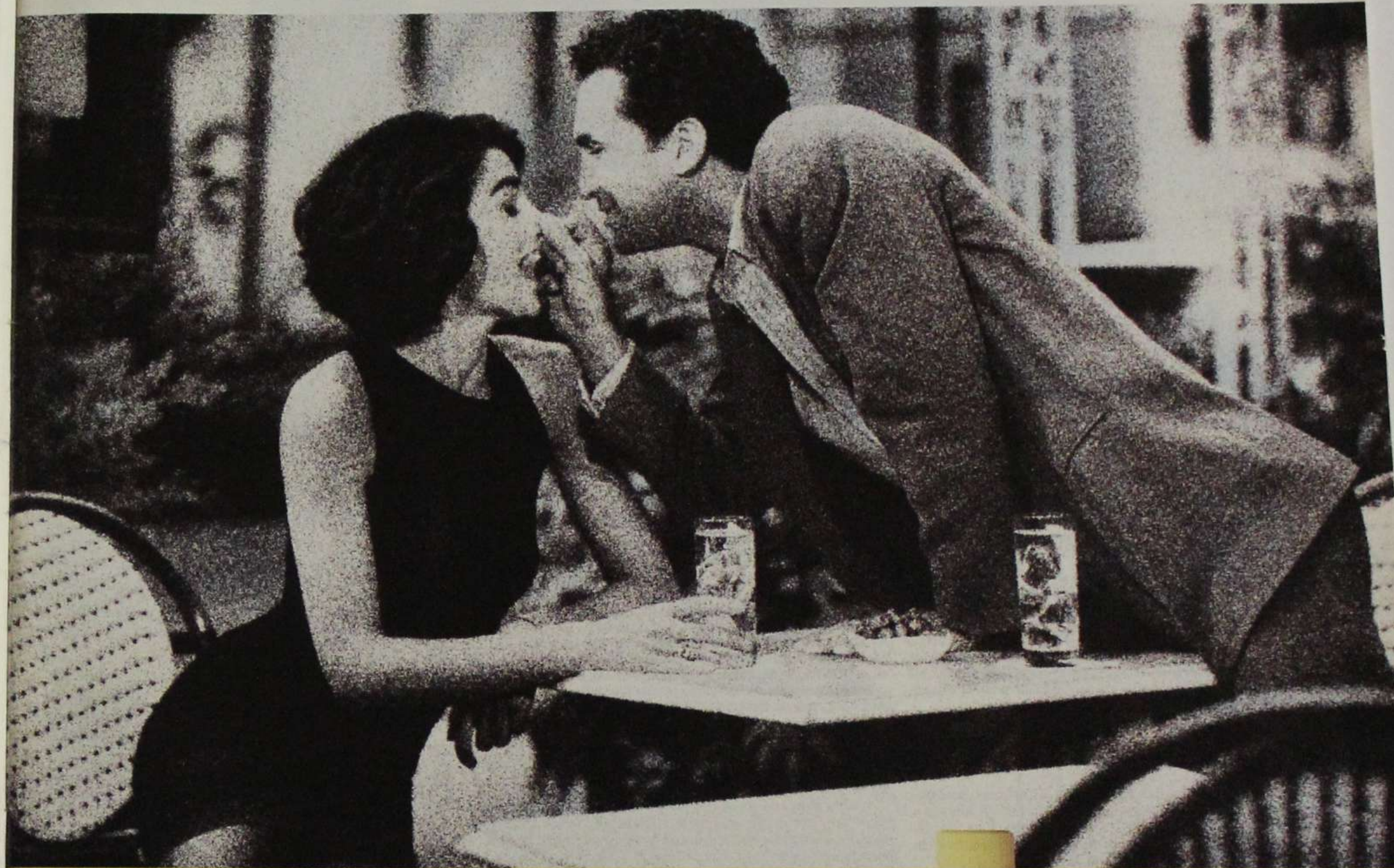
É daí que «Tilai» evita a facilidade do pitoresco, o efeito-etnológico que outros filmes «sobre» África não tornearam, como «E Fez-se Luz» de Iosseliani, para recordar um exemplo recente, incapaz de fugir à condição de um georgiano apaixonado pelas virgindades africanas. Aquela aldeia não existe necessariamente. Aliás, não existe de todo nem o pretende, como o realizador sublinha: «Sei que as comunida-

Há momentos em que precisas de falar com alguém

S.O.S. SIDA

Tel. 500 10 40 (grátis)

GESTOS DE GORDON'S



GIN ESCREVE-SE COM G





FOTOS CARLOS DIELETT

Quero ser marinheira, já disse

A Valentim de Carvalho no cinema. Discretamente, com uma produção executiva e pouco alarido

RODAGEM

são valentim

Já se sabia que o Grupo Valentim de Carvalho não brincava. Da música, à publicidade (Krypton), ao vídeo (edição e produção), já toca muitos dos instrumentos que permitem a um grupo económico aceder ao respeitável estatuto de holding. De família, ainda por cima, como convém.

Agora estende um pouco mais o passo, ainda que prudentemente embrulha em lá: o cinema. O conceito de co-produção faz fortuna nestes tempos em que os apoios comunitários são cada vez mais sectores, os projectos multiplicam-se em siglas crípticas destinadas aos «happy few» que a elas souberem estar atentas e, sobretudo, a TV privada em Portugal está à beira da realidade. As quotas de produção nacional são elevadas e alguém tem de as concretizar. Há que acumular créditos e experiência pois, quando a altura chegar, vai ser a doer.

O pretexto

O pretexto é um filme discreto que provavelmente nem chegará a ser exibido em Portugal.

Trata-se de uma produção italiana intitulada «Anna», uma primeira obra assinada pela realizadora Wilma Labate. Os dinheiros são todos de origem italiana, cabendo ao Grupo Valentim de Carvalho Som e Imagem S.A. apenas a produção executiva em Portugal, onde o filme foi parcialmente rodado.

O argumento é pobrezinho e tresanda a feminismo «de mensagem» por todos os lados. A acção passa-se em 1959 e conta a história de uma jovem de 18 anos (Anna) que, não sabendo muito bem o que fazer à vida, resolve inscrever-se numa academia naval para conquistar os galões de oficial de marinha, universo até então reservado exclusivamente a homens. Fintando os mil e um empecilhos que entretanto se lhe deparam, Anna lá consegue terminar o curso só para constatar que o que está para vir é bem pior: para embarcar num navio da marinha mercante, como desejava, é preciso acima de tudo...ser homem. Constando-lhe uma vaga hipótese de o poder fazer com a ajuda de uma armadora residente em Lisboa (Clarice), Anna chega a Portugal. Mas está com azar a pequena. Clarice é uma mulher deprimida e amarga que perdeu toda a sua frota («treze lindos navios...todos brancos...»), acusando um tal de Walter de lha ter roubado. Vendeu tudo o que tinha, conservou os vestidos de noite e, agora, vive das esmolas de Joaquim, que a deixa pernoitar no hotel, permanentemente enferizada pelas habilidades do amante casado. Mesmo assim dá guarida a Anna que continua a sua peregrinação estéril pelos escritórios das companhias de navegação, humilhada e ofendida pela rapaziada das docas que se comporta à altura do despautério de admitir como colega de amurada... uma mulher. Mas tudo vai acabar a contento, com a moça a embarcar com destino a Porto Rico, depois do encontro fortuito com um amigo italiano, como reza o single final da sinopse. «A sua tenacidade e

a ajuda deste amigo conseguem concretizar o milagre. O lindo navio comandado por Anna sai do porto passando sob a ponte 25 de Abril, tomando-se uma silhueta no horizonte, na imensidão do alto mar». Enfim...

Não foi possível apurar a motivação da realizadora para a abordagem de tal tema, uma vez que esta se escusou a prestar quaisquer declarações, mas a leitura do argumento é suficientemente elucidativa da «crítica social» latente. Passagens como «Fizeste muito bem em dar-lhe com os pés...ele é perigoso para uma mulher...ternurento...romântico...são os piores!» ou «são precisos tomates para subir a uma coisa daquelas. Tens tomates, tu? (...) Mostra-os, vá!», são eloquentes amostras do tom geral da coisa. Há ainda a tentação frequente pelo lugar comum, como no encontro com o comandante sueco («todos sabem que o facto de ser mulher para vocês suecos não é um problema») ou nos passeios com Sante, um marinheiro mudo que assegura ter visto mulheres marinheiras em todo o lado, ao que Anna replica: «Por todo o lado... menos em Itália. Que país». A clivagem Norte Sul esgota-se nesta lisura argumentativa, onde os nórdicos são uns baris descomplexados e os latinos machistas e atrasadotes.

A zona portuária do Tejo, o bar «Ponto Final» em Cacilhas e o Ritz Club (convertido em bar de marinheiros) foram alguns dos «décors» utilizados pela equipa, constituída por técnicos italianos e portugueses, entre eles, Isabel Chaves (directora de produção, recentemente convidada para coordenar a área de produção da TV da Igreja), Daniel Sasportes (assistente de realização), Maria Gonzaga (guarda-roupa) e João Martins (decoração). A equipa italiana



Um dos décors. Anos cinquenta genuínos

trouxe apenas quatro actores (cujo nomes pouco nos dizem) e, do elenco português, destacam-se as presenças de Melim Teixeira, Carlos Gomes e João Lagarto. Como o «Se7e» noticiou em primeira mão estava ainda prevista a participação de Eugénia Mello e Castro, que não chegou a concretizar-se por incompatibilidade de datas. Mas não foi este o único percalço que afectou a rodagem de «Anna». A actriz principal (Francesca Antonelli) adoeceu, o que obrigou a alargar o período de rodagem em Portugal de duas para três semanas, o que, azar dos azares, provocou o abandono de boa parte da equipa técnica italiana (director de fotografia incluído) por imposições de datas e contratos.

O «plateau»

No entanto, hoje (exactamente há oito dias atrás), penúltimo dia de rodagem, o ambiente é invulgarmente descontraído e o ritmo dos trabalhos inesperadamente lento, para exasperação de alguns técnicos portugueses mais experimentados.

Estamos a bordo do «Ponta Delgada», ancorado perto da Rocha Conde de Óbidos (zarpa amanhã para se filmar o «grand finale»). É um lindíssimo navio de passageiros, com 20 anos de história para contar. O senhor Cruz e o senhor Gil, os encarregados da vigilância e operação do barco, cedido à produção pela empresa Contramar, mostram-se cheios de cuidados com o seu brinquedo e absolutamente inquietos com a presença dos jornalistas a espiolhar e fotografar «décors» utilizados, magníficos, onde tudo é genuinamente da época, decerto evitando ao decorador as canseiras do fabrico da «patine» conferida pelo uso. Apesar dos inglórios esforços do Daniel Sasportes (que gentilmente nos conduziu a visita minuciosa ao interior do navio) para clarificar o objectivo da missão não os terem convencido satisfatoriamente, os senhores lá foram contando de como o «Ponta Delgada» fazia originariamente carreiras regulares entre as ilhas dos Açores, com capacidade para 125 passageiros e uma tripulação que ronda os vinte elementos.

Sempre a remeter-nos, como quem não quer a coisa, para um responsável da empresa, algures em Lisboa, sempre foram desafiando as proezas do barco, muito cosmopolita, muito habituado a essa coisa dos filmes. «Já vimos muito disso...» «O Regresso» da RTP, por exemplo, foi aqui filmado». O quê?... adiante. Mas ficámos a saber que a última saída foi para Moçambique, que antes do início das filmagens tinha sido alugado para uma festa de anos e que tem 68 metros de comprimento entre outras minúcias de quem sabe (e a gente aprende), como a distância entre perpendiculares, as qualidades do mastro e outras características iniciáticas.

Pelos corredores o habitual movimento de um «plateau», com o colorido típico da figuração da época (a cargo da empresa Sétima Fila). Entre os personagens mais vistosos está uma figura familiar, o senhor Lee (do Majong, um bar matraquilhante do Bairro Alto, que serve uns belos Chau-Min até às duas da manhã) e um loiro



Karl E. Ulvestad, figurante norueguês



Daniel Sasportes, assistente de realização da equipa portuguesa



Francesca Antonelli Anna

corpulento que interpreta com total verosimilhança o (pequeno) papel de comandante do navio onde Anna finalmente embarca. É um norueguês afável, onde transparecem todas as marcas da existência de exilado dos marinheiros, essas criaturas do momento que abandonam com prazer as torturas inoportunas da identidade e se movimentam à vontade, liquidamente, em qualquer meio, em qualquer língua. Chama-se Karl E. Ulvestad, tem 25 anos de mar impressos nas mãos ásperas e amarelas do tabaco sem filtro que persiste em não largar, na barba descolorida pelo sal. Mudou-se para Portugal há dois anos, para fugir aos rigores do frio que começava a molestar-lhe os meniscos (bom homem, portanto), fazia figuras na Noruega («sempre de Viking», está claro) e hoje está felicíssimo porque lhe chegou a família e teve direito a transporte da produção do filme do aeroporto até casa.

Enquanto conversamos Francesca/Anna passa-nos à frente, sempre a correr e a lançar um festivo vendaval à sua volta. Encolhe os ombros e olha aqueles esfuziantes olhos verdes com uma expressão de desalento, como que a pedir desculpa. Tinha começado a contar a «sua» história, ansiosa e envaidecida, quando foi abruptamente chamada «lá dentro». Aparentemente, a realizadora estava receosa das suas declarações aos jornalistas e proibiu a continuação do falatório. Ficámos sem saber das declarações de princípios relativamente ao cinema que se aprestava a fazer entusiasticamente (era muito provavelmente a primeira entrevista, chamemos-lhe assim, que dava), mas ainda nos divertimos com a sua descrição pomenorizada da «queda» no cinema, casual, como é de bom tom a uma futura grande estrela.

Entrou num autocarro, uma realizadora reparou nela, convidou-a a fazer testes e admitiu-a no seu filme, intitulado «Mignone É Partita». Depois a sua figura desejável não escapou ao olho de Marco Ferrer que a convidou para um pequeno papel em «La Casa Del Sorriso», entrou numa série de televisão «com 14 episódios» e aqui está, feita Anna, no seu primeiro papel de relevo, com um orgulho que não consegue disfarçar.

Os projectos

Só que «Anna» é mesmo só uma gota no oceano de projectos que o Grupo Valentim de Carvalho acalenta nesta área. Com um continuado investimento nos Estúdios de Paço d'Arcos e algumas produções vídeo no activo, nomeadamente uma co-produção com a Telecine («Amália em S. Carlos»), outra com a RTP («Amália no Coliseu»), além de uma grande biografia da cantora cuja produção está já em curso, o Grupo não tenciona ficar por aqui. Carlos Carvalho, o produtor executivo da equipa portuguesa de «Anna» é o homem responsável pelas operações a desenvolver.

C. C. Está há muito ligado ao cinema, onde começou por trabalhar como actor, depois de concluída a academia em Londres. Quem o levou para o cinema foi, nada menos, que Rossellini. Entrou em «Anno 1» e depressa descobriu que o que verdadeiramente o motivava neste trabalho era o que se passava atrás e fora do alcance das câmaras. Começou a trabalhar com Rossellini na área do documentário e, adianta, «quando o realizador morreu estávamos a trabalhar numa ficção sobre os primeiros anos de Marx e Engels». Que é feito do projecto? «Martin Scorsese ainda lhe quis pegar, mas desistiu, entretanto, pelo que suponho que ficou por aí.» Define o chamado pai do neo-realismo como «o génio por excelência, das pessoas mais cultas, brilhantes e divertidas que conheci até hoje». Trabalhou também com outro dos grandes nomes da cena italiana, Luchino Visconti, na área do argumento e ao lado de uma grande senhora da actividade e, talvez a maior, com mais de 100 filmes escritos, que dispensa quaisquer apresentações: a sra., D'Amico.

O recado

É aliás escrito por ela aquela que C. Carvalho considera o mais sólido dos projectos que tem na manga. Foi apresentado ao Script Fund, um fundo comunitário de apoio à produção na sua primeira fase (a da escritura do argumento). Chama-se «O Veleiro» e é baseado num romance italiano homónimo publicado em 52. A acção decorre após a I Guerra Mundial e relata a história de um lar para marinheiros reformados, de ambiente penoso, que C. C. define como «auténtica antecâmara da morte». O aparecimento de uma personagem forte, um comandante vivaz que continua a ser uma força da natureza e se recusa à espera passiva da morte, vem modificar os hábitos da casa. Aparece um veleiro (o local será a costa litoral portuguesa), ele próprio em vias de extinção, pois que está para ser desmantelado para madeira, e eis que os velhotes se resolvem a restaurá-lo. «Tudo é melhor que ficar ali. E zarpar para o infinito, que pode bem ser a morte, mas também a liberdade.»

A história foi escrita a pensar no grande Vittorio Gassman e a ideia é reunir um naipe de actores idosos com pergaminhos indiscutíveis, como Fernando Rey ou «sir» John Gielgud. Pretende-se partir daqui para uma co-produção, para o que os dois parceiros luso-italianos estão já certos. O investimento português estará a cargo da Valentim e o parceiro italiano será a Excelsior Cinematográfica.

Está a analisar-se um terceiro parceiro, que Carvalho confessa preferir que fosse inglês. Para realizar? Fica o recado: «Sempre pensei no Fonseca e Costa...»

Além deste, adianta-se que estão em estudo outros dois projectos. «Um seria uma produção executiva, escrita por um italiano e passada na África portuguesa, noutra entrariam como co-produtores. Trata-se de um argumento escrito por Barney Simon, o mesmo que escreveu o guião do sr. Ventura. Sei que há outro produtor interessado na história, mas deixo desde já clara a nossa intenção de não entrar em esquemas megalómanos», adianta, referindo-se à possibilidade de haver mais que uma entidade portuguesa na produção.

O grupo apresentou, entretanto, à RTP e ao IPC, uma outra proposta, cujo argumento, escrito por Carlos Carvalho e Sergio Vecchio, se constrói a partir de «Mário», de Silva Gaio. E, segundo o autor, «uma história de amor portuguesa que ocorre durante a revolução liberal, à qual se introduziram outros factores, como a ligação além-fronteiras que os liberais mantinham, nomeadamente através da carbonária, pelo que se deslocou parte da acção para Roma, onde imperava o Papa-rei».

É massivo o investimento que se tem feito nesta área? «Neste momento, em termos de grupo, não dispndemos grandes verbas», afirma o produtor. «A nossa motivação passa por considerar os projectos comunitários, como o Media, a actuação do Secretariado Nacional do Audiovisual, o incremento de trabalho que a televisão privada vai gerar, sobretudo em termos institucionais e educativos, e o interesse que Portugal tem do ponto de vista cinematográfico, como a variedade paisagística e a facilidade de encontrar caras novas.» Então, para quando uma entrada «assumida» no mercado? «Se e quando o incremento da actividade o justificar formar-se-á uma empresa especificamente para o efeito.» Sem fazer grandes ondas, como quem não quer (muito) a coisa.

■ Teresa CARMO

a Nova
Sensação
da Relojoaria
Suíça



Concurso Compra o teu Boom Boom antes de 31 de Julho e ganha um cheque-viagem de 200 000 \$ 00, a sortear em 20 de Agosto de 91, na rua de S^{ta} Justa, 95-1^a, às 18,30 h. Concurso autorizado pelo Governo Civil.

À venda nas relojoarias em todo o País